

VICTORIA SCHWAB



A CIDADE DOS
FANTASMAS



1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2021

Para a cidade
onde guardo os meus ossos.

“Morrer seria uma grande aventura.”

J.M. Barrie, *Peter Pan*

PARTE UM
OS ESPECTORES

CAPÍTULO UM

As pessoas acham que fantasmas só aparecem à noite, ou no Halloween, quando o mundo está escuro e as paredes estão mais finas. Mas, a verdade é que fantasmas estão por toda parte. Na seção de pães do supermercado, no jardim da sua avó, no assento da frente do ônibus.

Só porque você não pode vê-los não significa que não estejam lá.

Estou na aula de história quando sinto o *tap-tap-tap* no meu ombro, como pingos de chuva. Algumas pessoas chamam isso de intuição, outras de clarividência. Aquele formigar no limite dos seus sentidos avisando a você que existe algo *além*.

Essa não é a primeira vez que sinto isso — não mesmo. Nem mesmo a primeira vez que sinto isso na escola. Já tentei ignorar o chamado — sempre tento —, mas não adianta. Acabo perdendo a concentração e sei que a única maneira de fazer com que isso pare é cedendo. Preciso investigar por conta própria.

Do outro lado da sala, o olhar de Jacob encontra o meu e ele balança a cabeça. *Ele* não consegue sentir o *tap-tap-tap*, mas me conhece bem o bastante para saber quando *eu* o sinto.

Eu me ajeito na cadeira, fazendo um esforço para me concentrar na aula. O Sr. Meyer tenta corajosamente passar algum conteúdo, apesar de ser a última semana de aula antes das férias de verão.

— ... Durante o fim da Guerra do Vietnã, em 1975, as tropas americanas... — murmura ele, embora ninguém consiga ficar parado e muito menos prestar atenção. Derek e Will estão dormindo de olhos abertos, Matt está trabalhando no seu mais recente aviãozinho de papel. Alice e Melanie estão fazendo uma lista.

Alice e Melanie são as *meninas populares*.

Dá para perceber, porque elas são idênticas — o mesmo cabelo brilhoso, os mesmos dentes perfeitos, as mesmas unhas pintadas —, enquanto eu sou toda desajeitada, bochechuda e com o cabelo castanho e ondulado. Não tenho nenhum esmalte para chamar de meu.

Sei que deveríamos *querer* fazer parte do grupo dos populares, mas eu nunca quis, na verdade. Sei lá, parece que seria muito cansativo ter que acompanhar todas as regras. Sorria, mas não demais. Ria, mas não muito alto. Vista as roupas certas, faça os esportes certos e se importe com as coisas, mas nunca demais.

(Jacob e eu temos regras também, mas são diferentes.)

Falando nele, Jacob se levanta e vai até a mesa de Melanie. *Ele* poderia ser um dos garotos populares, eu acho, com o cabelo loiro desleixado, os olhos azuis e o senso de humor.

Jacob lança um olhar diabólico para mim, então senta na beirada da mesa dela.

Ele *poderia* ser um dos garotos populares, mas tem um problema.

Jacob está morto.

— “Coisas que precisamos para a noite de filmes...” — diz ele, lendo em voz alta o papel de Melanie. No entanto, sou a única que pode ouvi-lo. Melanie dobra outro papel, um convite (percebo pelas letras maiúsculas e pela caneta cor-de-rosa), e se estica para entregá-lo a Jenna, que

está sentada na frente dela. Ao fazer isso, a mão da Melanie atravessa o peito de Jacob.

Ele olha para baixo como se estivesse ofendido e sai de cima da mesa.

O *tap-tap-tap* continua na minha cabeça, como um sussurro que não consigo ouvir bem. Impaciente, olho para o relógio na parede, esperando o sinal do almoço tocar.

A seguir, Jacob perambula até a mesa de Alice, examinando as muitas canetas coloridas enfileiradas ali. Ele chega bem perto e cuidadosamente leva um dedo até as canetas, concentrando-se inteiramente na mais próxima e cutucando-a.

Mas o objeto não se move.

Nos filmes, *poltergeists* conseguem levantar televisões e empurrar camas pela casa, mas, na vida real, é preciso *muito* poder sobrenatural para um fantasma alcançar o outro lado do Véu — a cortina entre o mundo deles e o nosso. E aqueles que têm tamanha força tendem a ser bem velhos e não muito legais. Os vivos conseguem extrair força do amor e da esperança, enquanto os mortos se fortalecem de coisas mais sombrias. De dor, raiva e arrependimento.

Jacob franze o cenho ao tentar — sem sucesso — dar um peteleco no avião de papel do Matt.

Fico feliz por ele não ser feito de tais coisas.

Não sei quanto tempo faz que Jacob está *morto* (penso na palavra silenciosamente porque sei que ele não gosta dela). Não pode ter *tanto* tempo assim, afinal, não há nada retrô a respeito dele — a camisa é de super-herói, os jeans são escuros e o tênis é de cano alto —, mas Jacob não fala sobre o que aconteceu e eu não pergunto. Amigos merecem alguma privacidade — embora ele consiga ler os meus pensamentos. Eu não consigo ler os dele, mas, levando tudo isso em consideração, prefiro estar viva e não ter esse poder a ter e ser um fantasma.

Ele olha para cima quando penso na palavra *fantasma* e dá um pigarro.

— Prefiro a expressão “com deficiência corpórea”.

Reviro os olhos, pois Jacob sabe que eu não gosto quando ele lê a minha mente sem pedir permissão. Sim, é um efeito colateral estranho da nossa relação, mas, por favor, né? Limites!

— Não tenho culpa se você pensa tão alto — responde Jacob com um sorriso irônico.

Solto uma bufada, e alguns alunos olham na minha direção. Eu me abaixo na cadeira e esbarro o tênis na minha mochila no chão. O convite que Melanie passou para Jenna percorre a sala, mas não chega na minha mesa. Não me importo.

Falta pouco para as férias de verão, ou seja, ar fresco, sol e leituras por diversão. Também conhecida como a viagem de família anual para a casa de praia em Long Island, que meus pais alugaram para trabalhar no próximo livro deles.

E o mais importante de tudo, nada de assombrações.

Tem algo sobre a casa de praia — talvez o fato de ser tão nova ou de estar localizada em um trecho calmo do litoral —, mas parece haver menos fantasmas lá do que aqui, na parte norte de Nova York. E isso quer dizer que, assim que acabarem as aulas, vou ter seis semanas inteiras de sol, areia e boas noites de descanso.

Seis semanas sem *tap-tap-tap* de espíritos inquietos.

Seis semanas para me sentir *quase normal*.

Mal posso esperar pelas férias.

Mal posso esperar... mesmo assim, no momento em que o sinal toca, levanto imediatamente, ponho a mochila em um ombro e a alça roxa da câmera fotográfica no outro e deixo os meus pés me levarem em direção àquele *tap-tap-tap* persistente.

— Sei que é uma ideia tola — ironiza Jacob, passando a andar ao meu lado —, mas a gente *podia* simplesmente ir almoçar.

Hoje é *Quinta-feira de Bolo de Carne*, penso, com cuidado para não responder em voz alta. *Prefiro enfrentar os fantasmas*.

— Ei, calma aí — diz ele. No entanto, nós dois sabemos que o Jacob não é um fantasma *normal*, assim como eu não sou uma garota normal. Não mais. Houve um acidente. Uma bicicleta. Um rio congelado. E, para encurtar a história, ele salvou a minha vida.

— Pois é, sou praticamente um super-herói — comenta Jacob, logo antes da porta de um dos armários dos alunos bater na cara dele. Estremeço, mas ele passa direto pela porta. Não é como se eu me *esquecesse* do que o Jacob é — é bem difícil esquecer quando o seu melhor amigo é invisível para o resto das pessoas. Mas é impressionante as coisas com as quais nos acostumamos.

O fato de Jacob me assombrar durante o ano inteiro nem é a parte mais estranha da minha vida. Acho que isso diz muito sobre mim.

Chegamos na bifurcação do corredor. À esquerda, seguimos por outro corredor. À direita, para as escadas.

— Última chance para ser normal — avisa Jacob, já com um sorriso torto. Nós dois sabemos que passamos da normalidade há muito tempo.

Viramos à direita.

Descemos as escadas e atravessamos mais um corredor, contra o fluxo de pessoas indo para o almoço. A cada virada, o *tap-tap-tap* fica mais forte, como se uma corda me puxasse. Eu nem preciso pensar na direção que preciso ir. Na verdade, é mais fácil se eu *parar* de pensar e simplesmente deixar isso me fisgar.

Sou levada até a entrada do auditório. Jacob põe as mãos nos bolsos e resmunga algo sobre péssimas ideias. Eu lembro a ele que não precisava ter me acompanhado, embora eu esteja feliz pela companhia.

— Regra de amizade #9 — lembra ele —: observar fantasmas é um esporte de duas pessoas.

— Verdade, é mesmo — respondo, destampando a lente da máquina fotográfica. É uma câmera analógica meio grandona e antiga, com o visor quebrado e um filme preto e branco, que carrego pendurada no ombro por uma alça roxa grossa.

Se algum professor me pegar no auditório, digo que estava tirando fotos para o jornal da escola. Apesar de todos os clubes já terem terminado as atividades desse ano...

E de eu nunca ter trabalhado para o jornal.

Empurro as portas do auditório e entro. O teatro é enorme, com o pé-direito alto e pesadas cortinas vermelhas que escondem o palco.

De repente me dou conta do motivo que faz o *tap-tap-tap* me levar até ali. Todas as escolas têm histórias. Teorias para explicar aquele ranger no banheiro masculino, o local frio nos fundos da sala de inglês, o cheiro de fumaça no auditório.

A minha escola é igual. A única diferença é que, quando escuto uma história de fantasma, posso descobrir se é verdade ou não. Na maioria das vezes, não é.

O som de algo rangendo é só uma porta com dobradiças ruins.

A sensação de frio é só uma corrente de vento.

Mas, ao seguir o *tap-tap-tap* pelo corredor do teatro até o palco, sei que tem alguma coisa sobre essa história em particular.

É aquela do menino que morreu em uma peça de teatro.

Parece que muito, muito tempo atrás, quando a escola tinha acabado de abrir, houve um incêndio no segundo ato de *Sonho de uma noite de verão*. O cenário pegou fogo, mas todos conseguiram sair — ou foi o que pensaram.

Até acharem um menino sob o alçapão.

Jacob estremece ao meu lado e eu reviro os olhos. Para um fantasma, ele se assusta com muita facilidade.

— Já parou para pensar — observa ele — que você não se assusta com facilidade suficiente?

Mas me assusto, sim, tanto quanto qualquer um. Acredite se quiser, não *quero* passar o meu tempo procurando fantasmas. É só que, se eles estiverem *lá*, não posso simplesmente ignorar isso. É como saber que tem alguém de pé logo atrás de você e não poder virar. Dá para sentir a respiração no pescoço, e cada segundo sem ver parece pior na nossa imaginação porque, no fim das contas, o que não vemos é sempre mais assustador do que aquilo que vemos.

Subo no palco, com Jacob logo atrás. Consigo sentir a hesitação dele, uma relutância que tenta me segurar conforme levanto um pedaço da pesada cortina vermelha e sigo para os bastidores. Jacob também atravessa a cortina.

Está escuro ali — tão escuro que demoro uns segundos para ajustar a visão aos vários adereços e bancos espalhados pelo palco. Um filete de luz passa por debaixo da cortina. Embora esteja silencioso, há uma sensação estranha de movimento. O leve barulho dos sacos de areia se acomodando no mecanismo. O sussurro do ar sob as tábuas do assoalho. O farfalhar que espero ser de papéis e não de ratos.

Sei que alguns dos alunos mais velhos da escola fazem desafios entre eles para ver quem tem coragem de ir até lá, encostar o ouvido no chão e escutar o barulho do menino que não conseguiu sair. Uma vez, no corredor, ouvi eles se gabando disso, de quanto tempo cada um tinha aguentado. Um minuto. Dois. Cinco. Alguns dizem ter ouvido a voz do garoto. Outros dizem ter sentido o cheiro da fumaça, escutado os passos dos alunos que conseguiram escapar correndo. Mas é difícil saber o que é boato e o que é verdade.

Ninguém *me* desafiou a ir até lá. Não foi necessário. Quando os seus pais escrevem livros sobre atividades paranormais, as pessoas presumem que você é esquisito o bastante para ir por conta própria.

E acho que estão certos.

Estou no meio do palco escuro quando tropeço em alguma coisa e caio. As mãos de Jacob se apressam para me segurar, mas os dedos passam direto e eu bato o joelho no chão de madeira. Apoio as palmas das mãos com força e fico surpresa ao notar que o chão mexe um pouco, então percebo que estou em cima do alçapão.

O *tap-tap-tap* se torna mais insistente sob as minhas mãos. Algo se move no limite do meu campo de visão: uma cortina cinza fina cercada por uma brisa constante. Diferente da cortina vermelha do palco. Essa ninguém mais consegue ver.

O Véu.

O limite entre este mundo e outro lugar, entre os vivos e os mortos. É isso que estou procurando.

Inquieto, Jacob desloca o seu peso de um pé para o outro.

— Vamos acabar logo com isso.

Eu me levanto novamente.

— Toque-fantasma — digo, para dar sorte. Isso é como um “toca aqui” entre amigos que não conseguem encostar um no outro. Basicamente eu estico a mão e ele finge bater nela, e nós dois fazemos um som de “pow” na hora que as mãos se tocam.

— Ai — brinca Jacob, tirando a mão —, você bateu com muita força.

Eu rio. Ele é tão bobo às vezes. Mas a risada abre um espaço no meu peito, limpa o medo e o nervosismo conforme me aproximo do Véu.

Já vi pessoas na TV — pessoas que se comunicam com fantasmas — falando sobre atravessar, sobre se conectar com o outro lado, como se fosse ligar e desligar um interruptor ou abrir uma porta. Mas, para mim, é isso: encontrar uma parte da cortina, segurar o tecido e puxar.

Às vezes, quando não tem nada para encontrar, o Véu quase não está lá, é mais fumaça do que tecido e é difícil de pegar. Mas quando um lugar é assombrado — *realmente* assombrado —, o tecido se enrosca em mim, praticamente me puxando.

Nesse momento, bem nesse instante, ele dança entre os meus dedos, esperando para ser pego.

Eu seguro a cortina, respiro fundo e puxo.

CAPÍTULO DOIS

Quando eu era pequena, eu costumava ter medo do monstro no armário e não conseguia dormir até o meu pai entrar no quarto, escancarar a porta do móvel e me mostrar que estava vazio. Atravessar o Véu é como abrir o armário.

É claro que a diferença é que monstros não são reais. O armário estava realmente vazio.

Já o Véu... não.

Um arrepio atravessa minha pele. Por um segundo, não estou nos bastidores do teatro, mas embaixo da água, com a correnteza fria se fechando acima de mim e com a luz desaparecendo conforme algo pesado me puxa para baixo, mais e mais e...

— Cassidy.

Pisco ao ouvir a voz de Jacob, e a lembrança do rio desaparece. Estou novamente no teatro e tudo está igual, porém diferente. O palco está apagado, como em uma fotografia antiga, mas não está tão escuro quanto antes. Em vez disso, está iluminado por um punhado de holofotes, e posso ouvir o murmúrio do público atrás da cortina.

Jacob continua ao meu lado, mas seu corpo está sólido, real. Olho para o meu corpo. Como sempre, sou mais ou menos a mesma, um pouco desbotada, mas ainda sou eu, inclusive com a câmera pendurada no pescoço. A única diferença real é a luz dentro do meu peito. Há uma espiral de luz fria, branca em tom azulado, como o filamento no centro de uma lâmpada.

Como o Homem de Ferro, brinca Jacob às vezes. Eu seguro a câmera em frente ao meu peito para encobrir o brilho.

— A postos! — ordena uma voz adulta das laterais do palco. Eu dou um pulo, e Jacob segura a manga da minha camisa para me equilibrar. Dessa vez, a mão dele não atravessa. Ele pesa mais, ou eu peso menos, mas de todo modo fico feliz com o contato.

— Segundo ato! — acrescenta a voz.

Então compreendo o que é isso.

Quando é isso.

A noite do incêndio.

Em uma enxurrada, como morcegos que foram libertados, meninos e meninas, usando coroas de fadas e capas que brilham, correm pelo palco. Eles não notam a nossa presença. As cortinas sobem, e a plateia no escuro murmura. O meu primeiro impulso é me esconder, retornar correndo para as laterais do palco, mas de repente lembro que a plateia não está lá de verdade. O lugar, o espaço, o tempo — tudo isso pertence ao fantasma. E às memórias dele.

O restante é só cenário.

Ergo a câmera, sem me incomodar com olhar o visor (que está quebrado). Tiro algumas fotos rápidas, sabendo que o máximo que vou ver no filme é uma sombra do que está ali. Um pouco mais do que o normal. Um pouco menos do que a verdade.

— E pensar — sussurra Jacob, desejoso — que poderíamos estar no refeitório, almoçando como pessoas normais.

— Você não pode comer e eu vejo fantasmas — sussurro de volta conforme o segundo ato começa. As fadas se reúnem na floresta improvisada em torno da rainha.

Analiso o palco, as pontes acima e os adereços, procurando a causa do incêndio. Talvez por isso lugares assim me atraiam. Os fantasmas ficam aqui por uma razão. Quem sabe se alguém descobrir a verdade — se *eu* descobrir a verdade — sobre o que aconteceu, isso traga paz. Faça com que eles vão embora.

— Não é assim que funciona — cochicha Jacob.

Viro o rosto para ele.

— O que você quer dizer?

Ele abre a boca para responder na hora em que um garoto aparece. Ele é baixo, pálido e de cabelo preto cacheado, e eu sei que é ele, o fantasma — tenho essa sensação, como se o chão se inclinasse na direção dele.

Observo conforme a capa do menino fica presa nas cordas e na estrutura nas laterais do palco. Ele consegue se livrar, cambaleando para a frente da gente, mas então deixa cair a coroa e precisa voltar. Por um segundo, o olhar dele encontra o meu. Parece que ele me vê, e eu fico com vontade de dizer alguma coisa, mas Jacob põe a mão sobre a minha boca e balança a cabeça.

A música começa, os olhos do menino ficam confusos, e o vejo assumindo a sua posição.

— Melhor a gente ir — sussurra Jacob. No entanto, não consigo, ainda não. Preciso saber o que aconteceu.

Como se tivesse sido combinado, escuto o chiado de uma corda e me viro no momento em que a estrutura — aquela na qual o menino havia ficado preso — solta e desenrola. Um saco de areia escorrega, afunda e cai, acertando uma caixa de energia e atingindo um fusível.

Uma faísca surge — só uma faísca, uma coisa tão pequena —, e eu observo conforme ela salta para a coisa mais próxima: um pedaço da

floresta de papel que não tinha sido usado, que havia sido deixado de lado nas laterais do palco.

— Ah, não — murmuro enquanto a peça continua.

No início, não é um incêndio. É só calor e fumaça. Uma fumaça que passa despercebida no teatro escuro. Olho para cima e vejo aquela centelha pequena se espalhar, aumentando e cobrindo o teto como uma nuvem baixa. Ainda assim, ninguém percebe.

Até o instante em que, por fim, aquilo vira um incêndio.

Há muito material para combustão no palco, como a floresta feita de tábuas de madeira, gaze e tinta. O cenário pega fogo tão rápido que finalmente o feitiço da peça se quebra. Os alunos vestidos de fada se espalham, enquanto o público entra em pânico, e sei que é apenas uma memória, um eco de algo que já ocorreu, mas posso *sentir* o calor que se espalha.

Jacob pega a minha mão e me puxa para longe das chamas violentas.

Mesmo em meio ao pânico, os meus dedos giram a manivela da câmera, batendo fotos, ansiosos para capturar alguma coisa conforme o mundo em volta se transforma em fumaça, fogo e pavor.

Começo a sentir o meu pensamento ficar nebuloso, como se eu estivesse prendendo a respiração. Sei que já fiquei ali tempo o bastante, que está na hora de ir, mas os meus pés não se movem.

E então vejo o menino de cabelo escuro tentando se manter agachado, como somos ensinados a fazer em caso de um incêndio. Contudo, o fogo está se espalhando rápido demais, engolindo o cenário e subindo pelas cortinas. Não há para onde fugir, o palco inteiro está em chamas, por isso ele engatinha até chegar ao alçapão.

— Não! — grito, mas é óbvio que de nada adianta. O garoto não me escuta, não vira o rosto. Ele abre a porta e desce para a escuridão bem no momento em que um pedaço do cenário em chamas cai no palco, emperrando a entrada do alçapão.

— Cassidy — diz Jacob, mas não consigo afastar o meu olhar do fogo, mesmo com os meus pulmões se enchendo de fumaça.

Jacob me agarra pelos ombros.

— Temos que *ir* — ordena ele. E, como continuo sem me mexer, ele me dá um empurrão. Eu tropeço em um banco de madeira e caio para trás. Assim que bato no chão, ele está frio. O fogo se foi, e a luz no meu peito também. Jacob está agachado, olhando para mim, novamente em estado fantasma, conforme eu me sento sem conseguir respirar.

Às vezes, eu fico *presa*, sabe.

É como a Terra do Nunca do *Peter Pan*: quanto mais tempo os Meninos Perdidos ficavam lá, mais eles esqueciam. Quanto mais fico do lado errado do Véu, mais difícil é sair.

Jacob cruza os braços.

— Está feliz agora?

Feliz não é a palavra correta. A batida ainda está lá — ela nunca para —, mas pelo menos agora sei o que tem do outro lado. Isso facilita na hora de ignorar o barulho.

— Desculpa. — Fico de pé e limpo cinzas invisíveis do meu jeans. Ainda consigo sentir o gosto da fumaça.

— Regra de amizade #21 — diz Jacob. — Não deixe o seu amigo no Véu.

O sinal da escola toca no momento em que ele fala isso.

O horário de almoço oficialmente acabou.